

500 anos: pouco a comemorar

José Genoio

Ao completar seus quinhentos anos, o Brasil tem pouco a comemorar. Hoje, quando já não se sustentam as teorias de progresso na história, sabe-se que todas as colonizações estão implicadas com tragédias. A história da colonização do Brasil vem marcada por dois pecados originais: a dizimação dos índios e a escravidão dos negros. Sob a luz dos valores universais e dos direitos humanos que adotamos na nossa contemporaneidade, não há como resgatar alguma positividade da colonização. Pretende-se que a manutenção da integridade territorial seja algo a ser valorizado. A partir de Gilberto Freyre enalteceu-se a nossa miscigenação racial. Se pertencer a tal ou qual raça não é um valor em si, a própria miscigenação não deve ser tomada como um valor. A miscigenação pode tornar-se uma mistificação como, de fato, ocorre hoje no Brasil. De cinco milhões de índios restam cerca de 300 mil e a maioria dos negros e mestiços vivem em condições de discriminação econômica, social e racial.

Alguns traços gerais caracterizam a história desses quinhentos anos. O mais importante é o da dependência. No período colonial, a nossa dependência de Portugal emanava da própria

condição do colonialismo. Mas, se o colonialismo impõe uma dependência geral às colônias, ele se efetuou de formas e graus diferentes. O Brasil-colônia não teve nenhuma liberdade para buscar um caminho próprio nas esferas econômica e social ou para erigir suas próprias instituições na esfera política. Tudo foi imposto pela metrópole: os donatários, as câmaras, os governadores-gerais, o vice-rei e toda a legislação. Já as colônias inglesas da América do Norte tiveram significativos graus de liberdade em todas essas esferas: imprimiram forte conteúdo comunitário e solidário à sua sociedade nascente, exerceram elevado grau de liberdade econômica e criaram instituições democráticas próprias.

Com a proclamação da Independência, caímos sob a dependência inglesa. No século XX vagamos desta para a dependência norte-americana e para um multilateralismo indefinido. Na verdade, permanecemos dependentes da tecnologia, do conhecimento e do dinheiro alheios. Aplicamos receitas estrangeiras, os consensos de Washington, os receituários do FMI etc. Nunca tivemos a perspectiva de construir-nos como nação singular. Somos o país da imita-

ção, da cópia e do conformismo, como notou recentemente o historiador Thomas Skidmore.

Outro traço geral da nossa história consiste no caráter conservador de todas as nossas grandes transformações. A Independência foi obra das elites consorciadas à Coroa lusitana. O seu principal protagonista, d. Pedro I, era mais fiel a seu pai e à Coroa do que propriamente um devoto da causa brasileira. A Constituição monárquica de 1824 foi uma adaptação da Constituição portuguesa. A Proclamação da República não passou de um ato prosaico emanado de uma passeata militar. O seu prócer, marçal Deodoro, sequer republicano era. O centralismo monárquico foi substituído por uma federação de oligarquias que mantiveram o povo afastado das decisões políticas até 1930. Então veio a revolução, outra vez obra das elites governantes, mas que prometia democracia e cidadania. Essa promessa morreu sufocada sob a tortura, a violência e a supressão da liberdade vibradas pelo Estado Novo. A redemocratização de 1945 e a transição democrática do fim do regime militar não fogem a esse figurino conservador, transacionado pelas elites. Se é verdade que não podemos esquecer a Inconfi-

dência, a Revolução Pernambucana de 1817, a Confederação do Equador de 1824, a revolução liberal de 1831, a Guerra dos Farrapos e outras revoltas regionais, é necessário constatar que o nosso povo careceu de unidade nacional e foi incapaz de constituir-se como protagonista da nossa história. Faltou-nos radicalismo social e político, como o que esteve presente na Independência dos Estados Unidos, na Revolução Francesa e em acontecimentos históricos de outros povos.

A exclusão social e política do povo é a terceira grande característica de nossa história. Submetido ao domínio patriarcal, monárquico, oligárquico, coronelista, populista ou militar, impedido de participar ou reprimido com violência, o povo foi assimilando a cultura da apatia, da submissão e do conformismo. A passagem dos quinhentos anos traduz bem a nossa história: o oficialismo governamental comemora; a grande maioria do povo permanece como espectadora e somente poucos setores — índios e sem-terra — manifestam sinais de virtude cívica e vitalidade histórica.

■ José Genoio é deputado federal pelo PT de São Paulo

Acervo ISA		Documentação	
Fonte	CB		
Data	25/4/2000	Pg 21	
Class.	221		